

UMA EXPERIÊNCIA NA EJA: DA UNIVERSIDADE À PRÁTICA DOCENTE**Anthony Farley da C. F. de A. Neves**Acadêmico do 8º período do curso de
Licenciatura em da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: afcfan.geo@uea.edu.br

Jorge Pimentel da SilvaAcadêmico do 8º período do curso de
Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: jps.geo16@uea.edu.br

Ramily Barbosa GomesAcadêmica do 5º período do curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.

E-mail: rbg.ped19@uea.edu.br

Maria do Perpetuo Socorro Sotero da SilvaFormadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora Pedagógica do PAD.
Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do
Magistério/DDPM/Semed/Manaus.

E-mail: mariaperpetuo.sotero@semed.manaus.am.gov.br

Ana Michelle de Carvalho MartinsFormadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora Pedagógica do PAD.
Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do
Magistério/DDPM/Semed/Manaus.

E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

RESUMO: O presente relato de experiência contempla a vivência de estudantes de licenciaturas da Universidade do Estado do Amazonas/UEA na Educação de Jovens e Adultos/EJA no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos Professor Samuel Bechimol/CEMEJA. A oportunidade de desenvolver esse trabalho foi possibilitada pelo Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação/Lepete, marco este na trajetória acadêmica que compôs este relato. A aproximação da escola com a universidade foi objeto de reflexão, desde a apropriação de repertório teórico de metodologias de ensino até a sua execução em campo, onde encontramos alunos adultos com diferentes histórias e perspectivas. Ressalta-se ainda a importância da interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade e da profissionalização docente nos processos de formação inicial e continuada de graduandos de diversas licenciaturas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Formação de Professores. Interdisciplinaridade. Transdisciplinaridade.

ABSTRACT: This experience report contemplates the experience of undergraduate students at the State University of Amazonas/UEA in Youth and

Adult Education/EJA at the Municipal Center for Youth and Adult Education Professor Samuel Bechimol/CEMEJA. The opportunity to develop this work was made possible by the Laboratory of Teaching, Research and Transdisciplinary Experiences in Education/Lepete, a milestone in the academic trajectory that made up this report. The approach between the school and the university was the object of reflection, from the appropriation of a theoretical repertoire of teaching methodologies to their implementation in the field, where we found adult students with different histories and perspectives. It also emphasizes the importance of interdisciplinarity, transdisciplinarity and teacher professionalization in the processes of initial and continuing education of undergraduates from various degrees.

Keywords: Youth and Adult Education. Teacher training. Interdisciplinarity. Transdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre nossa experiência com os alunos da EJA no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos Professor Samuel Bechimol – CEMEJA possibilitou-nos uma imersão em nossa trajetória de vida pessoal e acadêmica, até a chegada no Projeto Assistência à Docência. A trajetória foi composta por três assistentes à docência (AD), os quais compartilharam desta experiência, em que realizamos o “desdobramento” de uma atividade de Inglês deixada pelo professor de uma turma da 5ª Fase da EJA do turno noturno.

O contato com os alunos na EJA foi bastante construtivo para todos nós, uma vez que as aulas na academia e as formações que tivemos no LEPETE foram propícias em nos capacitar para desenvolver, de forma prática, as atividades em sala de aula. A partir dessa vivência com os alunos da EJA e os conteúdos de língua inglesa, foi possível adquirir uma experiência interessante para produzir este relato, mostrando as metodologias empregadas que foram acessíveis para o aprendizado dos alunos.

Neste relato, será possível ver ainda como a vivência de algumas práticas pode aproximar a escola da universidade, fazendo com as metodologias que outrora foram vistas apenas em teorias, podem melhorar o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. Contudo, vamos primeiro conhecer a trajetória de todos os autores até o momento em que chegaram ao LEPETE.

Logo em seguida, falaremos da nossa experiência na escola e como compartilhamos a atividade para a turma, tentando sempre desenvolvê-la de acordo com a necessidade de cada um. Também abordaremos as perspectivas dos alunos da EJA e a importância em sua vida, que por algum motivo tiveram seus direitos negligenciados durante sua carreira escolar; além disso, iremos falar da importância de um professor mediador em sala de aula.

Por conseguinte, será abordada a importância do Lepete na vida dos AD e como o laboratório aproximou os AD para as escolas, trazendo muita experiência e principalmente muito aprendizado para cada um de nós. Ademais,

expressaremos a relevância da interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade e da profissionalização docente neste laboratório.

Nessa perspectiva, o objetivo dessa vivência é aproximar os universitários da escola pública, pondo em prática algumas metodologias e didáticas consolidadas nas salas da universidade e do Lepete, a fim de contribuir com o processo de ensino e aprendizagem, dando ênfase à continuidade de atividades da Língua Inglesa em uma turma da EJA.

CAMINHADA ATÉ O LEPETE

Anthony Farley da Conceição Faria de Almeida Neves

A minha trajetória até o laboratório demorou um pouco, mas já tinha ouvido algo sobre o Lepete. Quando entrei na faculdade, os meus pensamentos só eram focar nas disciplinas e estagiar somente nos quatro estágios obrigatórios. No terceiro período tinha uma colega que fazia estágio no referido laboratório e era a primeira vez que estava ouvindo falar sobre, mas não me interessei muito, pois estava com o mesmo pensamento de fazer só os quatro estágios obrigatórios.

Depois de uns problemas fiquei um ano e meio sem acompanhar as aulas presenciais direito, me matriculava, mas geralmente reprovava por falta. Durante esse tempo que fiquei reprovado por falta e o coeficiente caindo decidi voltar a focar somente na faculdade. Nesse momento pensei em procurar algo para me manter e me deixar próximo da faculdade, com isso lembrei do estágio que a minha colega fazia. Fui procurar saber sobre o estágio e vi que estava aberto o edital com uma vaga para o curso de geografia, diante de todos os processos, no fim uma amiga ficou com a vaga.

Com o passar de uns dias, exatamente na sexta-feira, quando estava em casa recebi uma ligação de um número desconhecido, por eu não estar esperando ligação não iria atender. Ligaram-me mais uma vez, percebi que era o mesmo número. Logo pensei que seria um membro da família, diante disso atendi e me fizeram uma pergunta: se eu ainda queria fazer o estágio do Lepete, respondi que sim e depois pediram para eu comparecer na segunda, que já iria começar nesse mesmo dia.

Então fiquei sem acreditar, achei que era “trollagem” de algum amigo da faculdade, mesmo assim fui. No fim, deu tudo certo e cá estou tendo o enorme prazer de receber experiências e conhecimentos no projeto.

Jorge Pimentel da Silva

Minha trajetória começou quando fui aprovado no vestibular em 2016, parecia bastante simples, após um grande esforço, alcançar o sonho de cursar a universidade, contudo não foi tão simples. Nascido em Manaus, porém revezando a vida entre os estudos na capital manauara e a roça que é uma feira que ajudava a manter o sustento da família, ser universitário era um sonho tão distante que se tornará a muitos outros membros da família impossível.

Mas em 2016, o sonho se tornou real, porém a necessidade de gerar renda me fixava em um emprego que não era muito flexível aos horários da universidade, assim se perderam quase que 100% de dois períodos, e no ano em que entrei na instituição tive que tomar uma decisão corajosa, abrir mão do emprego e me jogar com tudo no escuro, mas indo atrás do sonho de tornar-me um professor. Fui sem medo, mas ainda precisava muito de ajuda com a renda, só que devido às várias reprovações no início do curso e à falta de tempo para estar na universidade, estava impossibilitado de conseguir uma bolsa, pois meu coeficiente era muito baixo.

Foi aí que o Lepete me deu uma oportunidade que mudou minha vida profissional, acadêmica e pessoal, me permitindo dar os primeiros passos como professor. Entrei nesse programa em 2017, o laboratório que acreditou em mim, e me ajudou a hoje ser o melhor professor que consigo ser, nessa caminhada.

Ramily Barbosa Gomes

Tudo começou no ano de 2018, pois foi meu último ano no ensino médio. Durante o ano de 2018 eu vinha me preparando para os tão esperados vestibulares (que seria a última etapa), nos quais tinha que passar de qualquer jeito, eu sabia que não tinha condições para fazer uma faculdade particular. Todo mundo me perguntava qual curso eu queria fazer e minha resposta sempre era “não sei”, mas por vir de uma família de pedagogos, lá no fundo eu sabia o que iria colocar.

Finalmente, em dezembro de 2018 saiu o resultado dos vestibulares. Estava muito ansiosa pelo resultado e não perdi tempo para ver se meu nome estava na lista de aprovados, e para a minha tristeza o meu nome não estava na lista, mas ainda restavam esperanças, pois ainda tinha mais duas chamadas pela frente. Logo em seguida, saiu a segunda chamada e meu nome também não estava na lista de aprovados, a partir daí eu não queria mais saber da terceira chamada, pois tinha medo de me decepcionar mais uma vez. O tempo passou e eu já estava fazendo minha matrícula em uma universidade particular quando recebo mensagem de uma colega me parabenizando por ter passado no curso de pedagogia, pelo SIS (Sistema de Ingresso Seriado) da UEA. Naquele momento eu não acreditei, mas fiquei imensuravelmente feliz, finalmente eu tinha conseguido entrar para o time da UEA.

Em 2019, eu era oficialmente aluna da Universidade do Estado do Amazonas. Conheci o Lepete através de professores e colegas, mesmo sabendo muito pouco do projeto, resolvi mandar meu currículo. Em uma bela terça-feira toca o celular da minha prima (eu coloquei o meu número e o número da minha prima no currículo). Era a coordenação deste Laboratório me convidando para uma entrevista com a professora Jediã. Depois de passar pela temida entrevista, na tarde do mesmo dia eu recebo a mensagem confirmando que eu estava fazendo parte do projeto de assistência à docência.

CEMEJA: UMA EXPERIÊNCIA NA EJA

A escola está localizada na Rua da Penetração, 749 etapa B, São José Operário, 69086-011, Manaus - AM. Com ênfase desde a sua criação em alfabetizar e formar jovens e adultos, a escola possui uma boa estrutura física, acessibilidade, merenda escolar fornecida, laboratório de Informática, além do auditório.

Figura 1 - Localização geográfica via satélite do CEMEJA - Samuel Benchimol



Fonte: Google Earth, 2021.

A experiência se passou no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos (CEMEJA) Samuel Isaac Benchimol, no dia 25 de agosto de 2021, no qual fomos incumbidos de desenvolver numa turma da 5ª fase, conforme orientações do Prof. Herbert, uma atividade elaborada pelo professor. A atividade em questão, que nós, assistentes à docência/professores, iríamos dar continuidade exigiu que reproduzíssemos um vídeo em sala de aula para os alunos, o qual instruía sobre a aplicação do verbo “to have” e aplicação do “ING” no final das palavras e verbos no passado. A aprendizagem de outra língua exige um conhecimento consciente das regras novas da língua. Ela é auxiliada pela correção dos erros, que ajudam o aprendiz a chegar a uma representação mental correta da generalização linguística (FIGUEIREDO, 1997, p. 30).

Contudo, ao chegar em sala de aula não conseguimos aplicar e executar o vídeo devido a um problema de conexão, assim optamos por trabalhar o assunto de outra maneira com os alunos, desenvolvendo um diálogo sobre o conteúdo, levando em consideração que ao entrar para o Lepete ouvíamos sempre a professora Jediã Lima falar de “desdobramento” que segundo o dicionário é: divisão de um todo em duas ou mais partes; desmembramento. Então é isso que

nós AD tentamos fazer em sala de aula, tentamos sempre desdobrar as atividades passadas pelos professores regentes.

Ao conversar com os alunos, percebemos que tinham um pouco de dificuldade em entender o conteúdo devido a uma necessidade de compreensão básica de conjugação verbal em português. Portanto, a aula se constituiu em 3 momentos a partir disso: primeiro, foi uma revisão de gramática portuguesa. A aula seguiu com a ressignificação da atividade, tendo em vista as necessidades da turma com um resumo e explicação do que eram verbos na língua portuguesa, e o que eram pronomes, o que são tempos verbais, e como ligar a conjugação de verbos ao “seu” devido pronome, pois a compreensão ou aprendizado de outra língua por um indivíduo adulto se dificulta quando o mesmo ainda não tem um domínio, seja ele superficial ou não da gramática da sua língua materna.

O segundo se constituiu em conhecimento prévio da vivência dos alunos, ou seu cotidiano, de modo a aplicar o conteúdo em seu cotidiano. E no terceiro trabalhamos o conteúdo de forma mais teórica, mas sempre voltando os exemplos para a vida cotidiana dos alunos, a fim de facilitar a compreensão do mesmo e melhorar a possibilidade de aprendizado e prática. De acordo com Silva (2011):

É de extrema importância mostrar a necessidade de se ensinar e trabalhar a língua inglesa na EJA. É preciso mostrar a importância de se trabalhar a Língua Inglesa nos dias atuais. Na EJA, os alunos buscam aproveitar ao máximo as aulas para recuperar o tempo perdido, e se ao ministrar aulas de inglês o professor não trabalhar a importância da aquisição desta segunda língua de forma clara e franca, de como na atualidade esta língua tem sido utilizada, eles percebem que aquilo não é importante ou que jamais irão usar, perdem o ânimo, e a matéria tende a se tornar enfadonha (p. 42).

Sendo assim, dando continuidade à atividade, fazendo breves diálogos com cada um dos alunos, que estavam em um total de 5, finalmente foi dado início à explanação dos conteúdos, com início no verbo “have”, que tem por sua tradução em português “ter”. Isso foi explicado a partir das formas que se pode encontrar e utilizar o verbo dentro de uma frase e como pode ser utilizado no tempo presente, ou seja, na forma afirmativa, na forma interrogativa e na forma negativa.

Posteriormente, foi explicado que o verbo pode ser trabalho também em diferentes tempos verbais, como passado, presente e futuro, assim como os verbos da língua portuguesa. No início da explicação de como os verbos da língua inglesa se comportam no tempo passado, foi explicado que os verbos, assim como na língua portuguesa, podem se dividir em verbos regulares e irregulares, e dependendo de como o verbo se classifica, varia a forma como é conjugado, podendo terminar em “ED”, “D”, “IED”, dependendo da palavra a qual se estaria conjugando.

Mais adiante, foi abordado o conteúdo chamado “Present Continuous”, ou seja, o “ING”, conhecido na língua portuguesa como gerúndio, ou uma ação continuada. Ele foi explanado com os alunos, assim como o assunto anterior, de forma com que o conteúdo se adeque ao dia a dia dos alunos, a partir da experiência pessoal falada por cada um deles.

Dado o fim da aplicação dos conteúdos, conforme foi citado acima, o tempo de aula logo se esgotou. Mas, ao final da aula, o retorno entre os alunos foi muito bom, e a equipe recebeu vários elogios.

Segundo Freire (2002):

Quando se é professor, não se pode pensar que é o “dono” do conhecimento e que está num patamar superior. Para praticar o ato de ensinar é necessário que se leve em conta o saber do educando e respeitá-lo, que pratique o que fala promovendo gestos e não exigindo que se faça o que fala e não o que se faz. O educador deve promover a criticidade nos educandos e não apenas transferir dados que não façam sentido a eles (p. 27).

O professor deve pesquisar, mas não somente em sua área de atuação, pois o professor é o responsável por provocar nos educandos uma reflexão crítica sobre a prática, mas sempre respeitando o olhar de cada um, tendo em vista que o aluno é capaz de “pensar sozinho” e tem total capacidade para aprender coisas novas, por isso o professor não deve ensinar ao aluno a famosa “decoreba”, e sim tornar o educando um ser pensante. Com isso, a formação docente precisa dar a possibilidade de afrontar, perceber e desenvolver as variedades culturais presentes nos contextos escolares e culturais.

O professor precisa antes de tudo ser humano, ter empatia, pois a realidade vivida pelos alunos é muitas vezes trágica. Não sabemos o que ele passou naquele dia, o que aconteceu em sua casa, no caminho até a escola, temos que enxergá-lo como sujeito histórico. Tendo como perspectiva os alunos da EJA, observamos e podemos dizer que os estudantes são considerados como sujeitos históricos, sociais e culturais tendo muito conhecimento e experiências acumulados ao longo da vida.

A EJA é um processo transformador. É mais do que apenas pegar um diploma, é ter a capacidade de mudar vidas. Nele encontramos adultos que, por algum motivo, tiveram seu direito à educação negligenciado. A educação então precisa ser efetiva, já que terá uma aplicação imediata na vida do aluno. Para tanto, o professor precisa estar imerso na realidade dos seus alunos e levar em consideração as particularidades da sua turma, para que assim consiga montar um plano pedagógico e buscar metodologias que se adequem ao cenário em que ele se encontra. Moacir Gadotti e José Eustáquio Romão (2005) dissertam:

O aluno adulto não pode ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas começa. Ele quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo. Ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado para criar autoestima, pois a sua “ignorância” lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade (p. 39).

Quando nós ADs estamos em sala de aula fazendo o desdobramento da atividade, precisamos levar em consideração toda a história de vida do aluno e de forma alguma tratá-lo com complexo de inferioridade, pois, como já citei, eles são sujeitos históricos, capazes, com um conhecimento de mundo muito amplo.

A EXPERIÊNCIA NO PROJETO OFICINAS DE FORMAÇÃO EM SERVIÇO (OFS) E A APROXIMAÇÃO DA UNIVERSIDADE À ESCOLA

A necessidade de aproximar a universidade da escola é um problema que persiste dentro de qualquer curso de formação de professores. Uma vez que o dinamismo da realidade em que as escolas se encontram detém uma alta complexibilidade da compreensão real dos problemas em que a escola está inserida no seu dia a dia.

Com isso, na UEA não é diferente. Contudo, a criação do Lepete é um divisor de águas dentro desse programa de formação de professores, uma vez que é possível apresentar a realidade das escolas aos AD, respeitando seus limites e individualidades, e auxiliando na formação desses profissionais das diversas licenciaturas em sua formação inicial. Parafraseando Morin (2009), a missão primordial do ensino supõe muito mais aprender a religar do que aprender a separar, o que, aliás, vem sendo feito até o presente. Simultaneamente é preciso aprender a problematizar.

A partir disso, é possível que o AD possa compartilhar algumas metodologias que até então ele havia visto apenas na teoria, e com auxílio dos professores no laboratório, ele consegue formar dentro de si, aos poucos, o profissional que ele gostaria de ser em sala de aula, com a ajuda das formações cedidas pelo laboratório, é possível ampliar seu conhecimento, e principalmente alcançar novos horizontes na aprendizagem através da interdisciplinaridade, forma a qual o Lepete nos ensina que as Ciências se completam no ato da aprendizagem, em que podemos muitas vezes buscar dentro de outros componentes curriculares para aplicar conteúdo específicos em sala de aula.

Figura 2 - Formação de Desenho Técnico



Fonte: Pimentel, 2018.

Por exemplo, os colegas de geografia podem aprender, com os colegas de pedagogia, como explicar uma ciência crítica a alunos que ainda não tiveram contato com esse tipo de conteúdo, desenvolvendo métodos e formas de compartilhar o conhecimento a todos os públicos, desde a educação infantil, até alunos da EJA, aprendendo assim não só com os alunos em sala de aula, ou com os professores nas disciplinas escolares, mas com os professores de várias áreas dentro do laboratório.

Além da experiência de trabalhar e aprender com colegas de várias áreas diferentes, ampliando muito seu conhecimento e arcabouço teórico-metodológico para aplicação no ensino em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência na EJA é um desafio maior para qualquer graduando que tenha por intenção se tornar professor, uma vez que existem muitos entraves no decorrer do caminho. No CEMEJA, tivemos a oportunidade de acompanhar de perto boa parte das dificuldades encontradas nessa modalidade de ensino.

Contudo, foram obtidos bons resultados do período em que nós, AD, permanecemos no local, no qual o aprendizado foi relevante, não apenas por parte dos alunos, mas também por parte dos assistentes que acompanharam essa realidade do ensino noturno, que é enfrentada em muitas escolas.

As atividades foram compartilhadas com bastante êxito por parte da equipe de AD, tendo um retorno significativo em sala de aula. Com isso, podemos

dizer que o desenvolvimento de metodologias, antes vistas apenas na universidade, pode ajudar na compreensão dos alunos.

Sendo assim, nós AD ficamos felizes em compartilhar conhecimentos com os alunos, quando comprovamos na prática que a forma que um saber é apresentado pode mudar a concepção que eles têm de ensino em escolas públicas.

Dessa maneira, concluímos que na aproximação dos alunos universitários com a escola pública existe uma simbiose, na qual ambos os lados podem ganhar com essa experiência, formando professores conscientes do seu fazer político e pedagógico, capazes de transformar a realidade multicultural das escolas públicas.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma. **Aprendendo com os erros**. Uma perspectiva comunicativa do ensino de línguas. Ed. UFG, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 2002.

LEPETE – Laboratório de experiências transdisciplinares. 2021.

MORIN, Edgar. **Educação e Complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. Maria da Conceição de ALMEIDA, Edgar de Assis CARVALHO (orgs.). São Paulo: Cortez, 2009.

ROMÃO, José. Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005 – (guia da escola cidadã; v. 5).

SILVA, Mosiana de Macedo. O ensino da língua inglesa aos alunos da EJA. **Vida e ensino**, v. 2, n. 2, p. 40-47, out. /fev. 2010/2011. ISSN 2175-6325.

ANEXOS

Figura 3 - Assistência à Docência no CEMEJA



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 4- Ressignificando atividades de Língua Inglesa



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.